

1/2 ENTREVISTA A SARA FONSECA

TERRAS SEM SOMBRA:

o festival de música que nos liga à paisagem

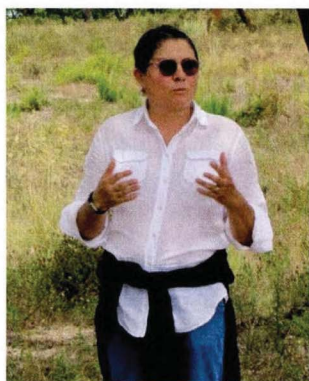
Quando as pessoas interagem com o mundo natural, estão a moldar aquele lugar. O resultado é uma mescla entre cultura (tudo o que é criado pela Humanidade) e Natureza. É neste pressuposto que assenta o conceito de paisagem.

Assim, podemos perguntar: Qual a relação entre um festival de música e a paisagem? Porquê ter programação ambiental? Porquê levar a música para dentro de monumentos com toda a logística inerente? Sara Fonseca, do Terras sem Sombra, explica-nos tudo, mas pessoalmente a resposta parece-me simples: A música é parte de nós, nós somos parte da paisagem, logo, a música pode ser a voz da paisagem.

O Terras sem Sombra cruza de forma invulgar a música erudita, o património e a biodiversidade. Como nasceu esta ideia de juntar áreas tão distintas?

A separação entre cultura e Natureza é, em grande medida, bem o sabemos, artificial. Uma paisagem representa também uma criação cultural e, tal como um monumento ou uma obra musical, transporta a memória

de um território. O Terras sem Sombra nasceu dessa convicção: a de que só compreendemos verdadeiramente um lugar quando aprendemos a escutá-lo em todas as suas dimensões. A música emocional-nos, o património conta-nos quem fomos, somos e seremos, a biodiversidade lembra-nos que fazemos parte de um sistema vivo muito mais vasto. Quando estas três dimensões se encontram,



acontece algo especial: deixamos de ser meros espectadores e passamos a estabelecer uma relação afetiva com os lugares. É essa experiência transformadora que procuramos proporcionar desde a primeira edição.

Como é que a paisagem do Alentejo inspira a programação de cada edição?

O Alentejo é o grande protagonista do festival. A sua luz, a escala da paisagem, o silêncio, os montados, as planícies, as zonas costeiras e a extraordinária riqueza do seu património criam um contexto único para cada edição.

Não desenhamos um programa para depois procurar um lugar onde o apresentar; fazemos precisamente o contrário. Escutamos cada território, promovemos o conhecimento da sua história, das suas pessoas e dos seus valores naturais, e deixamos que sejam eles a inspirar as escolhas artísticas e científicas. Cada concelho oferece uma narrativa própria e o festival procura revelá-la, criando pontes entre a música, a memória e a Natureza.

O festival é itinerante, passando por vários concelhos do Alentejo. Quais são as vantagens e os desafios de levar a cultura a locais fora dos centros urbanos habituais?

A itinerância corresponde a uma escolha de princípio. Acreditamos que o acesso à cultura não deve depender do código postal. Levar grandes intérpretes a pequenas localidades é uma forma de reconhecer que a excelência artística pertence a todos. Mas também acontece o inverso: quem nos visita descobre um património extraordinário, comunidades profundamente acolhedoras e paisagens que raramente fazem parte dos percursos culturais habituais. Claro que há desafios logísticos, mas são largamente ultrapassados quando vemos uma igreja cheia, quando sentimos o orgulho das populações em mostrar a sua terra ou quando percebemos que um visitante regressa mais tarde para conhecer melhor aquele lugar. É

nesse encontro entre pessoas e territórios que o festival encontra o seu verdadeiro sentido.

Muitos dos concertos acontecem em monumentos que, muitas vezes, têm adros, claustros ou jardins históricos. Há uma preocupação em integrar estes espaços verdes e a paisagem envolvente na experiência do visitante? Porquê?

Sem dúvida. Nunca pensamos nos monumentos como espaços isolados. Um claustro, um adro, um jardim histórico ou uma cerca conventual fazem parte da sua identidade e ajudam-nos a compreender a forma como as comunidades viveram e moldaram a paisagem ao longo dos séculos. Queremos que o público chegue um pouco mais cedo, caminhe, observe, respire e perceba que aquele concerto pertence àquele lugar e dificilmente teria o mesmo significado noutro contexto. A beleza da experiência nasce precisamente desse diálogo entre arquitetura, Natureza, história e música.

Uma das marcas do festival é a ação de voluntariado ambiental na manhã seguinte aos concertos. Como é que o público da música reage quando é convidado a "pôr as mãos na terra"?

É um dos momentos de que mais gosto no festival. Na noite anterior, partilhamos uma experiência estética; na manhã seguinte,



TEXTO ANA SANTOS
ARQUITETA PAISAGISTA

FESTIVAL DE MÚSICA 13

“

Só compreendemos verdadeiramente um lugar quando aprendemos a escutá-lo em todas as suas dimensões



transformamos essa emoção em ação. Ver músicos, habitantes, visitantes e especialistas lado a lado, a plantar, a recuperar habitats ou a observar espécies, mostra que a cultura também pode gerar responsabilidade. Muitas pessoas chegam por curiosidade e acabam por descobrir uma nova forma de olhar para a Natureza. A adesão tem sido extraordinária e há participantes que regressam todos os anos precisamente por causa desta dimensão participativa. Isso demonstra que a arte pode ser um poderoso ponto de partida para o compromisso ambiental.

Quais diria que foram as ações de conservação mais marcantes que o festival já promoveu?

Torna-se assaz difícil escolher, porque cada ação responde às necessidades do território onde acontece. Tivemos intervenções

em zonas húmidas, montados, galerias ripícolas e áreas protegidas, colaborando na recuperação de habitats, na valorização da fauna e da flora autóctones e na monitorização de espécies emblemáticas. Mas talvez o mais importante seja aquilo que não se mede facilmente: o interesse que despertamos, as conversas que se prolongam depois das atividades, o olhar diferente com que muitas pessoas passam a observar uma ave, uma árvore ou uma linha de água. Se conseguirmos que alguém saia do festival mais atento e mais comprometido com a conservação da Natureza, já alcançámos um dos nossos principais objetivos.

O Alentejo enfrenta grandes desafios climáticos e ambientais. De que forma o festival tenta alertar as pessoas para esta realidade?

Não acreditamos que a sensibilização se concretize apenas através de discursos e de outras quejandas. Faz-se sobretudo criando experiências que aproximem as pessoas do território. Quando caminhamos numa paisagem, ouvimos quem a estuda e percebemos a sua extraordinária complexidade, compreendemos também a urgência de a proteger. O festival procura mostrar que as alterações climáticas, a escassez de água ou a perda de biodiversidade não são conceitos abstratos; são realidades que já transformam profundamente o Alentejo. Mas percorremos esse caminho sempre com esperança, mostrando exemplos de conservação, inovação e boa gestão que

provam que é possível construir um futuro mais equilibrado.

Se pudesse escolher uma planta que simbolizasse a essência do Terras sem Sombra, qual seria?

Escolheria o sobreiro. Não apenas por ser um símbolo maior do Alentejo, mas porque simboliza uma forma de estar no mundo. Cresce devagar, atravessa gerações, resiste às adversidades e cria à sua volta um dos ecossistemas mais ricos da Europa. Debaixo da sua copa convivem espécies, pessoas, trabalho, culturas e memórias. É exatamente essa ideia de equilíbrio e de interdependência que inspira o Terras sem Sombra. Tal como o sobreiro, também o festival procura lançar raízes profundas no território e mostrar que cuidar da cultura e cuidar da Natureza são, afinal, duas formas de cuidar da nossa casa comum.